



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 2, número 1, abr. 2013

## ANÁLISE ESTILÍSTICA DA POESIA VIDÊNCIAS E IRAS DE DÉRCIO BRAÚNA



## STYLISTIC ANALYSIS OF POETRY OF CLAIRVOYANCE AND IRAS BY DÉRCIO BRAÚNA

Maria Lidiane Sousa PEREIRA  
Cláudia Rejanne Pinheiro GRANGEIRO  
Aparecida Alves XAVIER  
URCA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [AS AUTORAS](#)

RECEBIDO EM 19/02/2013 • APROVADO EM 19/03/2013

---

### Abstract

---

On the presente work we'll show an Stylistic review from the poem "Vidências e Iras" of the cearense poet Dércio Braúna by the perspective of the Stylistic descriptive.

---

### Resumo

---

No presente trabalho apresentamos uma análise Estilística do poema “Vidências e Iras” do poeta cearense Dércio Braúna, sob a perspectiva da Estilística descritiva.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Stylistic. Dércio Braúna.

**PALAVRAS CHAVE:** Estilística. Dércio Braúna.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Observar como determinados poetas, cronistas, romancistas entre outros – para os quais as palavras não são apenas elementos de comunicação, mas, sobretudo, de criação – usam de diferentes formas os elementos linguísticos, não é tarefa nova, simples e raramente envolve apenas uma área de estudos.

No presente artigo, fruto das reflexões e discussões estabelecidas enquanto cursávamos a disciplina de Estilística no curso de Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) no período de 2012.2, apresentamos, primeiramente, um estudo, ainda que breve, sobre o surgimento da Linguística e Estilística enquanto disciplinas autônomas. Procuramos observar como ambas se constituíram, quais seus principais representantes, conceitos e questionamentos.

Aqui, temos como principal objetivo, apresentar uma análise estilística da poesia do poeta cearense Dércio Braúna que, aos poucos, se desenvolve e conquista espaço no cenário da poesia brasileira. A poesia sobre a qual nos debruçamos intitula-se “Vidências e Iras”, escrita e publicada por Braúna na obra *A selvagem língua do coração das coisas* (2005).

Procuramos analisar como o poeta utiliza determinadas figuras e funções de linguagem, focaliza elementos fonológicos e morfológicos procurando criar e recriar novas significações para sua poesia. Para isso, utilizamos o método teórico construído sobre os principais pressupostos da Estilística descritiva, cujo principal representante é Charles Bally. Acreditamos que as reflexões e análises apresentadas aqui se fazem relevantes diante da constante necessidade de procurar observar e compreender os diversos aspectos que assinalam e diferenciam as produções artísticas cujo principal elemento de criação é a palavra.

## 1 Linguística, Estilística e estilo

O surgimento da Linguística moderna costuma ser marcado com a publicação do *Curso de Linguística Geral* no ano de 1916. Publicado postumamente, o trabalho de Ferdinand de Saussure (1857-1913) além de proporcionar inúmeras conquistas, provocou verdadeiras revoluções nos estudos da linguagem, assim como também definiu um papel para a Linguística entre as ciências humanas.

Entre os diversos fatos que assinalam os estudos saussurianos, há um ponto que merece ser ressaltado. Na Linguística de Saussure, encontramos umas das mais importantes separações feitas entre duas esferas dos estudos linguísticos: a dicotomia entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Segundo Saussure, a primeira corresponderia ao lado social da linguagem. Para Saussure (2012, p.14):

A língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

A segunda esfera, a fala, corresponde a “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2012, p. 45). Assim, a Linguística de Saussure ficou dividida em duas partes. Na primeira, temos a Linguística da língua e, na segunda, a Linguística da fala (SAUSSURE, 2012, p.50). Essa divisão foi entendida como necessária, visto que uma das principais urgências da Linguística, naquele momento, era eleger seu objeto de estudo, o que, segundo Saussure, foi possível a partir dessa divisão. A esse respeito, ressaltamos que é à língua que ele concebe o primeiro lugar entre os estudos linguísticos (SAUSSURE, 2012, p.41).

Além disso, a corrente de estudos representada, a princípio por Saussure, o Estruturalismo, desencadeou outras correntes que seguem alguns dos seus principais pressupostos. Entre elas, destacamos o Gerativismo de Noam Chomsky e o Formalismo de Leonard Bloomfield (1887-1949). É preciso frisar também que as ideias estruturalistas não se restringiram apenas ao campo da Linguística, mas influenciaram outras áreas de estudos, como a Literatura (TODOROV, 2009, p. 35).

É impossível não reconhecer a inestimável relevância dos estudos saussurianos para a Linguística. Por outro lado, seu trabalho talvez nunca tivesse chegado ao conhecimento do grande público se não fossem os esforços de dois dos mais estimados discípulos de Saussure em organizar e publicar suas teorias. Com efeito, é ao nome de Albert Sechehaye (1870-1946) e Charles Bally (1865-1947) a quem devemos a organização do Curso de Linguística Geral.

Para o presente trabalho o nome de Bally, discípulo de Saussure, interessa profundamente. A ele atribuímos o nascimento da Estilística moderna, disciplina que, segundo Compagnon, “se configura entre a Linguística e a Crítica sendo, portanto, o lugar para o estudo do estilo” (COMPAGNON, 1999, p. 166). Porém, não nos iludamos, por mais clara e objetiva que possa parecer a aceção de Estilística apresentada por esse estudioso, é preciso não esquecer que ela não é a única: “na consideração dos problemas estilísticos não é possível a uniformidade” (CLEMENTE, 1959, p. 8).

Com efeito, deparamo-nos com dificuldades em estabelecer um conceito claro e conciso para Estilística, visto que as interpretações a seu respeito são diversas e multiplicam-se conforme avançam os estudos voltados para essa área (CLEMENTE, 1959, p.7). A esse respeito destacamos algumas das mais correntes aceções de Estilística:

No pensar de **Marouzeou**, a Estilística é uma ciência a ser dríada. Por não possuir um âmbito delimitado, é que oferece tantas dificuldades a uma conceituação clara e exata [...].

**Rey de Gourmont** preocupa-se em saber, através da Estilística, quais os elementos que concorrem para tornar uma língua perfeita, de acordo com um ideal clássico [...].

Com **Martin Alonso** admitimos duas Estilísticas: A **Estilística linguística** que estuda as modalidades da língua corrente, popular. Estuda o folclore, e a força expressiva da língua vulgar; a **Estilística literária** ou ciência da literatura volta-se para os problemas da língua erudita, da língua estilizada. (CLEMENTE, 1959, p. 7-8, negritos no original).

Grande parte das dificuldades em estabelecer uma única concepção para a Estilística decorre da instabilidade do próprio objeto de estudo dessa disciplina, ou seja, o estilo. De acordo com Compagnon (1999, p. 173):

A estilística tornou-se uma matéria instável em razão da polissemia do estilo e, sobretudo em razão da tensão, do equilíbrio frágil, ou mesmo impossível, que caracteriza uma noção que pertence ao mesmo tempo ao privado e ao público, ao indivíduo e à multidão.

De fato, quando passamos a trabalhar com questões que envolvem o estilo, deparamo-nos com concretas e verdadeiras dificuldades, já que esse elemento não é empregado somente no campo dos estudos estilísticos. Ao falarmos em estilo, temos uma infinidade de campos em que o termo é utilizado e, obviamente, assume valores divergentes.

A título de exemplo, frisamos que o termo estilo está relacionado ao universo da moda, à história da arte, à sociologia, à antropologia, ao esporte etc. Interessante notar é que, por mais diferentes que possam ser essas áreas de atuação humana, o termo aparece com a ideia de um elemento que caracteriza e torna peculiar uma determinada criação. No universo literário, reconhecemos, juntamente com Murry, que o estilo é “tudo aquilo que possa contribuir para tornar reconhecível o que um homem escreve” (MURRY, 1968, p.17). Além disso, o estilo pode ser entendido como: “o resultado da expressão de uma subjetividade” (CAMARA apud MONTEIRO, 2005, p. 42), “o aspecto do enunciado que resulta de uma escolha dos meios de expressão, determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que fala ou escreve” (GUIRAUD apud MONTEIRO, 2005, p. 42) ou “um desvio. A variação, nas mesmas páginas em que Aristóteles o identifica ao efeito e ao ornamento, define-se pelo desvio em relação ao uso corrente” (COMPAGNON, 1999, p. 1680).

Sendo a palavra o principal instrumento de trabalho do poeta, do romancista, do cronista etc., estamos convencidos de que as preocupações com os estudos estilísticos e, conseqüentemente, com o estilo estão diretamente relacionadas às inúmeras possibilidades de interpretação e valores que um elemento lexical adquire dentro de uma obra literária a partir do seu uso.

Charles Bally, como nos referimos anteriormente, foi o grande sistematizador da Estilística moderna (MONTEIRO, 2005, p. 13). Esse estudioso sistematizou, a partir de suas percepções, a pluralidade de valores e sentidos que podem ser expressos por uma única palavra. Reconheceu os itens lexicais como

uma fonte inesgotável de afetividade, mesmo que para isso fosse necessário discordar de algumas das teorias de seu mestre. Para Saussure “o significado só pode ser concebido em termos de conceito, ignorando o grande campo dos seus valores afetivos, o que mais tarde se tornou o próprio objeto da Estilística” (MONTEIRO, 2005, p. 14).

Abrangendo três vastos campos de aplicação: a) a linguagem em geral; b) uma dada língua; c) o sistema expressivo de um indivíduo isolado (MONTEIRO, 2005, p. 14) a Estilística da língua, como ficou conhecida, é, de acordo com Bally, o lugar para o estudo:

dos fatos de expressão da linguagem, organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade. (BALLY apud COMPAGNON, 1999, p. 179).

Dessa maneira, consideramos que as intenções e a subjetividade do indivíduo enquanto tal, não têm muito interesse para a Linguística nem para a Estilística, visto que não podemos ter acesso a tais elementos. Assim, temos a Estilística descritiva como um ponto de vista pelo qual podemos analisar os diferentes recursos linguísticos usados por escritores para provocar os mais distintos efeitos de sentido sobre ou através da palavra. Esses recursos podem ser utilizados de formas particulares, como marca de determinado autor ou como reflexo de determinados grupos sociais, movimentos etc., dentro de uma dada língua.

## **2 Um escrevente de coisas “sentintes”**

A publicação do livro *Alguma poesia*, no ano de 1930, marca a estreia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) na Literatura brasileira. Entre os quarenta e nove poemas que compõem a obra, encontramos um que, curiosamente é intitulado de “O sobrevivente”. Em um dos versos desse poema, Drummond nos diz: “Impossível compor um poema a esta altura da evolução da humanidade” (ANDRADE, 2008, p. 26). Obviamente que inúmeros foram os motivos que podem ter levado o poeta a escrever esses versos e analisá-los certamente foge aos

objetivos desse trabalho. Entretanto, ressaltamos que o que Drummond considerava impossível felizmente aconteceu.

No meio de uma época em que os passos apressados da modernidade parecem sufocar a voz da poesia, assistimos ao nascimento e florescimento do trabalho poético do jovem historiador cearense Dércio Braúna. Poeta de Limoeiro do Norte, município localizado às margens do Vale do Jaguaribe, Braúna se insere aos poucos no atual cenário poético brasileiro com a sua poesia que, segundo a sua própria definição, é “um grito surdo entre os escombros do mundo” (BRAÚNA, 2005, p. 12).

Estudioso de Mia Couto, Braúna possui Graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (UEC) e se faz “conhecedor” do público lançando seus trabalhos poéticos à base de editais ou custeando suas próprias publicações. E, mesmo com esses impasses, temos publicadas, sob seu nome, algumas reuniões de poemas. Entre elas destacamos: *O pensador do jardim dos ossos* (2005), *A selvagem língua do coração das coisas* (2005), *Metal sem Húmus* (2008) e o livro de contos *Como um cão que sonha a noite só* (2010).

Esse poeta que se identifica como um “escrevente de coisas sentintes” (BRAÚNA, 2008, p. 07) aborda em suas poesias questões comuns e significativamente inquietantes da existência humana: morte, amor, solidão, entre outros. Esses sentimentos são tratados com simplicidade nos versos do poeta que, em tom de modéstia, afirma que sua poesia nada mais é do que:

sofredora e carecida de arte; é mais um grito de entre as ruínas de seu tempo; é menos uma flor sob o sol dos dias e mais uma erva-sem-nome-nem eira entre monturos; não diz nada que já dito não se tenha – “mas ninguém inventa a poesia. A poesia mostra ao outro o que é poesia e lhe indica o caminho para reinventá-la”, nas palavras de um mestre. (BRAÚNA, 2005, p. 12-13).

No que diz respeito à crítica, esta tem recebido a poesia de Braúna com louvor e lhe concebido prêmios: I Prêmio Literário da Livraria Asabeça – SP; Painel Brasileiro de Jovens Escritores – RJ; I Concurso Nacional de Poesia Abrace – DF/Montevidéu, Antologia poética Universidade Vale da Paraíba – SP (2003), entre outros.

Como bem nos lembra Ferreira Gullar, “a poesia quando chega não respeita nada” (GULLAR, 2004, p. 337), restando apenas ao poeta recebê-la, deixar que

venha ao mundo mesmo entre dores e cansaço, mesmo que se pergunte “a que nos serve a poesia nos tempos em que vamos?” (BRAÚNA, 2008, p. 7). É, pois, justamente isso que tem feito Braúna. Poeta que tem se debruçado sobre sentimentos e acontecimentos do dia a dia de forma criativa e renovadora.

De fato, a obra de Braúna é uma prova de que a poesia não se esgota, não morre, por outro lado, surge, permanece e se renova. Além disso, o trabalho desse jovem poeta mostra que, mesmo em uma época que parece não servir para a criação da poesia, ainda é possível nos encantar através das inesgotáveis transformações que a poesia proporciona ao uso das palavras.

### 3 Os aspectos estilísticos de Vidências e Iras

A poesia “Vidências e Iras”, de Dércio Braúna, pode ser encontrada na obra *A selvagem língua do coração das coisas* (2005). Esse livro foi publicado pela Editora Realce a partir de uma seleção de trabalhos poéticos realizada no II Edital de incentivo às artes da Secretaria de Cultura do estado do Ceará – 2005. O livro está dividido em duas partes: Livro das confissões e Livro das paisagens e é composto por 52 poemas.

A princípio, o poema nos chama atenção por sua temática. Entre as inúmeras interpretações que podemos atribuir a ele, observamos que esse poema aborda, entre outras coisas, a criação poética no impreciso século XXI. Assim como o nascimento da poesia que aparentemente parece partir de um impulso seja ele voluntário ou involuntário do poeta. Acreditamos que, por essa razão, Braúna coloca em uma das estrofes do seu poema: “Os dedos detêm a comiseração dos olhos é então que sei: *sou eu a mais ferrenha citação que de mim já se disse*” (BRAÚNA, 2005, p. 26, grifos nossos).

No verso em destaque, temos a presença de uma metáfora. Essa figura de linguagem pode ser apontada como um recurso estilístico muito comum e presente, não apenas em poemas, mas em textos de todos os gêneros. Da mesma forma, pode aparecer em diferentes tipos de discurso, como o político e o religioso. A metáfora também costuma aparecer em anúncios comerciais, letras de músicas e em muitas outras formas de uso da linguagem.

Embora o conceito de metáfora seja um dos mais discutidos tanto em estudos linguísticos quanto literários, desde o início do pensamento estético, observamos que a metáfora, enquanto figura de linguagem, consiste basicamente: “no emprego de uma palavra concreta para exprimir uma ideia abstrata, na ausência de todo elemento que introduz formalmente uma comparação” (DUBOIS et al., 2006, p. 411). O verso em análise acentua também a aspecto da linguagem conhecida como metalinguagem, recurso que utiliza a língua para se referir a ela própria. Vejamos agora os primeiros versos do poema: “Da língua a lâmina o dom” (BRAÚNA, 2005, p. 26).

O que caracteriza os versos acima é justamente o uso do fonema /l/. Neles, esse som aparece sucessivamente nos vocábulos “língua e lâmina”. A presença desse elemento, conhecido pelos estudos fonéticos e fonológicos do português como uma consoante “lateral, alveolar, vozeada” (CRISTÓFARO SILVA, 2001, p. 39), ganha força com sua repetição e assinala a presença de uma aliteração. Esse recurso estilístico costuma ser entendido como: “a repetição de um som ou de um grupo de sons no início de várias sílabas ou de várias palavras em um mesmo enunciado” (DUBOIS et al., 2006, p. 40).

Outro recurso estilístico relacionado ao aspecto fonológico utilizado no poema está presente nos versos: “Por outros olhos ver *as* sombras arrastadas os ventos cidades de luz nuas dentro do corpo que nas vozes gritam explodidas e extremas” (BRAÚNA, 2005, p. 26, grifos nossos).

Aqui, destacamos a predominância dos seguimentos vocálicos /e/, /o/ e /a/ repetidos no final de quase todos os vocábulos dos versos. Esse recurso é conhecido como assonância. Termo usado para designar “a repetição no final de uma palavra ou de um grupo rítmico, da vogal acentuada que já tinha ocorrido no final de uma palavra ou de um grupo rítmico precedente” (DUBOIS et al., 2006, p. 76). A marcação desses segmentos vocálicos é acentuada pela presença da fricativa alveolar desvozeada /s/ que pode assinalar também a presença de uma aliteração, fenômeno sobre o qual nos referimos anteriormente.

A ocorrência de fenômenos como assonância e aliteração, marcados essencialmente por aspectos fonológicos, são bastante comuns no gênero poético. Aliás, a ênfase dada à presença de certos aspectos sonoros marca uma fonte de recursos estilísticos para a qual se desenvolveu um capítulo dentro da Estilística,

enquanto disciplina que estuda os fatos expressivos da linguagem, isto é a Estilística Fônica. A seu respeito, assinalamos conforme Callou e Leite (1999, p. 106):

A estilística Fônica – também denominada de Estilística expressiva – implica na utilização de traços que escapam à sistematização das oposições e correlações de fonemas e grupos fônicos: acento, vocabular, quantidade, altura etc. Esses aspectos imitativos e explicativos podem ser observados na fala usual e sobretudo na poesia, que representa, na verdade, um emprego sistemático de fatos linguísticos. Numa frase em prosa, a composição fônica é determinada única ou essencialmente pela escolha dos morfemas desejados. “Por outro lado, todo enunciado poético comporta elementos rítmicos”.

Observemos ainda outro verso que marca a poesia em análise. Nele, Braúna destaca: “A palavra mata”. Esse trecho caracteriza-se pela presença de uma personificação: “figura da retórica que consiste em fazer de um ser inanimado ou de um ser abstrato, puramente ideal, uma pessoa real, dotada de sentido de vida” (DUBOIS et al., 2006, p. 466).

Como fica claro na definição de Dubois et al., essa figura se manifesta porque, no verso em questão, o poeta atribui ao termo “palavra”, elemento inanimado, a ação de matar que, de modo geral, está restrita a seres animados. A personificação presente no verso ocorre através de uma sinédoque. Segundo Dubois et al. (2006, p. 554), esse fenômeno ocorre: “quando um falante, intencionalmente, em particular por motivos de ordem literária, ou uma comunidade linguística, inconscientemente, atribui a uma palavra um conteúdo mais amplo que seu conteúdo usual”.

Dessa forma, chamamos a atenção para a carga semântica do verso. Afinal, seria a palavra um elemento capaz de matar? Certamente não. Entretanto, ao construir uma personificação por sinédoque no referido verso de seu poema, Braúna nos coloca diante de infindáveis possibilidades significativas para o emprego desse termo.

No que concerne à estrutura do poema, assinalamos que ele não apresenta uma estrutura tradicional. Ou seja, ele não possui traços típicos de uma poesia comum, com versos devidamente articulados com a presença de rimas. Aliás, o poema quase não apresenta rimas, característica que, em certo ponto, nos remete

ao estilo de composição da poesia moderna. Nessa poesia, “seu signo principal é o da liberdade de pesquisa estética, isto é, cada poeta não encontrará regras para prefixadas que seguir; tem de eleger as suas próprias” (COUTINHO, 2004, p. 44).

Além disso, sua organização estrutural certamente foi cuidadosamente elaborada sob o foco da visão. “Vidências e Iras” é um poema feito não apenas para ser lido, mas também para ser visto. Seus traços nos remetem à poesia concreta, mas apenas nos remetem, pois a estrutura do poema também não nos permite classificá-la como própria do Concretismo, porque, de certa forma, escapa dos principais aspectos desse movimento, que é, conforme Infante (2004, p. 675):

Um movimento literário lançado oficialmente em 1956, em São Paulo, no Museu de Arte Moderna. Dado por encerrado o ciclo histórico do “verso”, propõe-se os poetas concretos substituí-lo por novas estruturas, baseadas na associação formal dos vocábulos e em sua disposição “espacial” na página, em alinhamentos geométricos (aspas no original).

Com isso, assinalamos que a poesia “Vidências e Iras” apresenta aspectos estilísticos que geralmente são muito utilizados entre as criações poéticas. Por outro lado, apresenta características que escapam aos aspectos mais gerais da poesia, o que nos impossibilita de classificá-la ou defini-la. Com efeito, essa difícil tarefa, ou seja, classificar e definir “Vidências e Iras”, entre outros poemas de José Dércio Braúna, torna-se uma forte marca do seu estilo, o que nos leva a reconhecê-lo como um dos mais promissores nomes no atual cenário da poesia brasileira.

### **Considerações Finais**

O surgimento da Linguística enquanto ciência autônoma, como abordamos ainda que muito brevemente, possibilitou inúmeras conquistas ao campo dos estudos da linguagem, além de desencadear uma série de outros movimentos linguísticos. O advento dessa ciência forneceu a disciplinas, como a Estilística, o arsenal básico para o desenvolvimento de seus principais pressupostos, a partir dos quais pode firmar-se como disciplina independente, ainda que permeasse entre os polos da Linguística e Crítica Literária.

Dessa forma, a Estilística – com ênfase na de Charles Bally, ou seja, a Estilística descritiva – permite-nos analisar os elementos linguísticos tanto do

ponto de vista da Linguística quanto da Crítica. Observamos, portanto, como os diversos escritores criam e recriam os valores afetivos dos signos linguísticos através das mais diversificadas formas de uso da palavra.

A análise estilística aqui apresentada nos possibilitou perceber a precisão com a qual um poeta, no nosso caso específico: o cearense Dércio Braúna, pode transformar os valores de sua poesia através da utilização de certos recursos estilísticos, tornando-a, assim, rica e singular.

---

## Referências

---

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Toda poesia*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BRAÚNA, José Dércio. *A selvagem língua do coração das coisas*. Fortaleza: Realce Editora e Indústria Gráfica, 2005.

\_\_\_\_\_. *Metal sem Húmus*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Ltda., Editora 7 Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *O pensador do jardim dos ossos*. Santa Catarina, RS: Livre Expressão, 2005.

\_\_\_\_\_. *Como um cão que sonha a noite só*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Ltda., Editora 7 Letras, 2010.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e a Fonologia*. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

CLEMENTE, Elvo. *Caminhos da Estilística*. Rio Grande do Sul: Faculdade de Filosofia Editora, 1959.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho: codireção Eduardo de Faria Coutinho. 7. ed. Ver. E atual. São Paulo: Global, 2004.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. Direção e coordenação geral da tradução Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística*. São Paulo: Vozes, 2005.

MURRY, Raffael. *Questões de estilo*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1968.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Diffel, 2009.

---

### Para citar este artigo

---

PEREIRA, Maria Lidiane Sousa; GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro; XAVIER, Aparecida Alves. Análise estilística da poesia Vidências e iras de Dércio Braúna. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 1, p. 139-153, abr. 2013.

---

### As Autoras

---

**Maria Lidiane de Sousa Pereira** é graduanda em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). É membro do Núcleo de Estudos Linguísticos do cariri (NELC), sob a coordenação do Prof. Dr. Thiago Gil Lessa Alves, na linha de descrição e análise da língua materna. Atua na área de Letras com ênfase em Linguística. Atualmente é bolsista do programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/PIBID).

**Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro** é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAR, com estágio no CÉDITEC (Centre d'études des discours, images, textes, écrits, communications) - Sorbonne - Paris XII. Atualmente é professora adjunta da Universidade Regional do Cariri (URCA), líder do DISCULTI (Discurso, Cultura e Identidades) e pesquisadora do GRUDIOCORPO - Grupo de Estudos do Discurso e do Corpo, da UNEB, e do GRED - Grupo de Estudos do Discurso, da UERN. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: Discurso

Político, Discurso Religioso, Cultura e Sociedade, Poéticas da Oralidade, Mídias e Literatura de Cordel.

**Aparecida Alves Xavier** é Graduada do curso de Letras Português/Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atualmente, é bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e participa do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Linguísticos do Cariri (NELC), sob a coordenação do Prof. Dr. Thiago Gil Lessa Alves, na linha de análise e descrição da língua materna.

## Anexo

### Vidências e Iras

I.

Da língua  
a lâmina  
o dom

por outros olhos ver  
as sombras  
arrastadas

os ventos

idades de luz  
nuas

dentro do corpo  
que nas vozes gritam  
explodidas e extremas.

os dedos detêm  
a comiseração dos olhos –  
é então que sei:  
sou eu a mais ferrenha citação  
que de mim já se disse.

(Sinto o mar árduo da língua! –  
estranho emaranho  
de cóleras  
velando  
estão tão violadas  
visões minhas.)

A palavra mata.

II.

Ah, poeta (estranha esfera do mundo!),  
só tu conduz ao reino desconhecido  
    onde o coração bebe  
na mesma fonte  
    em que o olho delira!.